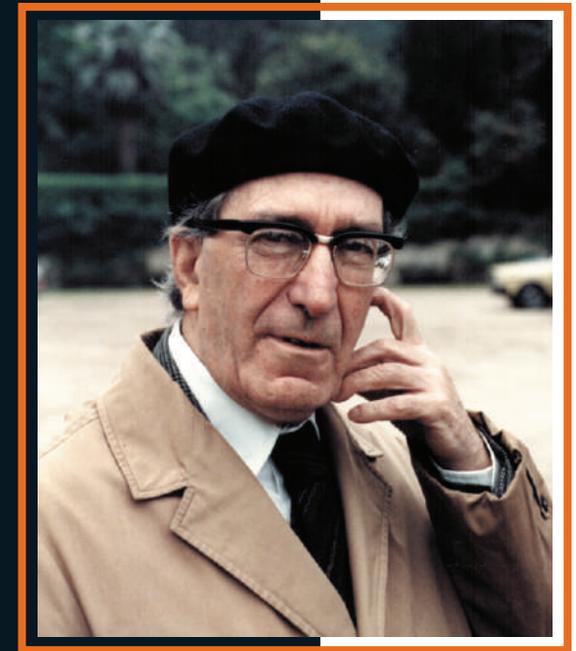


Raul Rego

1913 – 2002

JORNALISTA



Lisboa – Maio – 2005

Câmara Municipal de Lisboa  
Comissão Municipal de Toponímia

# Raul Rego

JORNALISTA

1913 – 2002

Raul Rego, republicano e democrata, combatente antifascista, frontal em todas as posições assumidas sem rodeios, ao longo de uma vida feita de batalhas e de coragem, foi jornalista e indiscutivelmente um dos símbolos da liberdade de imprensa, e por isso a Câmara Municipal de Lisboa presta-lhe a sua homenagem ao atribuir o seu nome a uma rua no dia 3 de Maio, Dia Mundial da Liberdade de Imprensa.

A Vereadora,



Ana Sofia Bettencourt



Raul d'Assunção Pimenta Rego, republicano e democrata, homem de fortes convicções, frontal em todas as posições, assumidas sem rodeios, ao longo de uma vida feita de batalhas e de coragem, nasceu em Morais, uma aldeia perto de Macedo de Cavaleiros, no dia 15 de Abril de 1913. Era proveniente de uma família com fracos recursos, o seu pai era sapateiro e a mãe costureira.

Em 1924, quando tinha 11 anos entrou no Seminário das Missões do Espírito Santo, em Viana do Castelo para estudar. No seminário, o professor que mais o marcou foi o Padre Alves Correia.

Concluiu o curso de Teologia em 1936, mas não chegou a ordenar-se padre, abandonando a vida eclesiástica. Uma discussão com o Padre Clemente, seu director que lhe disse que não tinha mentalidade eclesiástica levou a que não quisesse se ordenar, tornando-se, posteriormente, anticlerical. Quando saiu do seminário ainda continuou a frequentar a missa, mas depois, por considerar que a Igreja foi o apoio ao totalitarismo e ao poder instituído, deixou de o fazer.

Veio para Lisboa para continuar os estudos e aqui começou a dar explicações de Latim e Francês. Por indicação do Padre Alves Correia que pediu ao Dr. João Soares, pai de Mário Soares e director do Colégio Moderno foi professor neste Colégio, de Latim e Administração Pública. Aqui fundou um jornal com os alunos que se chamava "Gente Moça". Neste jornal saiu um artigo que foi considerado uma ofensa à religião e por isso acabaria por ser afastado do colégio em 1939, por pressão do Ministro da Educação de Salazar, Carneiro Pacheco.

Viu-se, então, obrigado a voltar às explicações de Latim e a enveredar pela carreira jornalística.

Em 1937 tinha entrado para a revista "Seara Nova" dirigida por Câmara Reys, mas Raul Rego considerava esta revista com pouco interesse porque era feita pela Censura e era impedida de exprimir as suas opiniões. Entrou então, para a agência noticiosa Reuters, graças a Dinis Bordalo Pinheiro, filho de Rafael, o caricaturista. Aqui tinha as funções de traduzir do inglês telegráfico para o português corrente.



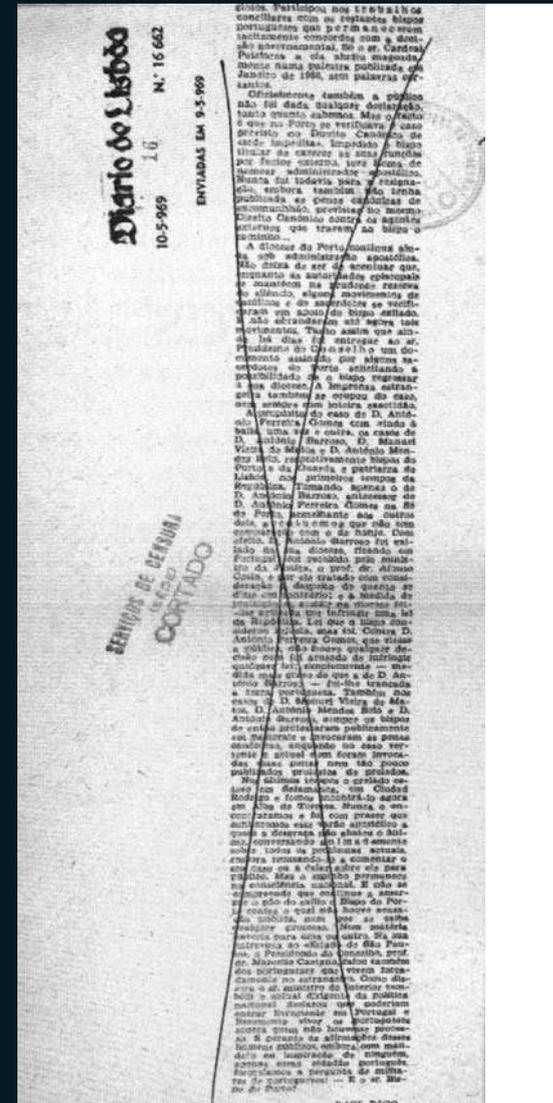
Apresentação da Lista de Deputados da oposição às eleições de 1961

Em 1942, a pedido novamente do Padre Alves Correia entrou como redactor para o *Jornal do Comércio*. Neste jornal foi redactor em todos os serviços, fazendo tudo o que lhe mandavam, embora o que mais gostasse de fazer era a reportagem política, apesar da censura e de saber que grande parte era cortado.

Devido à sua militância no MUD- Movimento para a Unidade Democrática,<sup>(1)</sup> foi preso pela polícia política em 1945. Dirigiu, também, os serviços de Imprensa da campanha do general Norton de Matos, assumindo a mesma tarefa na candidatura de Humberto Delgado.

Ao mesmo tempo que estava no *Jornal de Comércio* trabalhou igualmente para o *Diário de Lisboa*, onde entrou em 1959, porque um era de manhã e o outro de tarde. Para este jornal entrou a convite de Norberto Lopes, o director, que segundo Raul Rego era um homem de grande cultura, da oposição, que nunca cortou nenhuma notícia, mesmo sabendo que esta posteriormente seria cortada pela censura.

<sup>(1)</sup> O MUD foi constituído a 8 de Outubro de 1945, por diversas figuras, tais como, Barbosa Magalhães, Pedro Pitta, Bento de Jesus Caraça, Mário de Lima Alves, Manuel Mendes, Adão e Silva, que fizeram parte depois, da comissão central. Foram aprovadas as condições mínimas dos oposicionistas para concorrer às eleições convocadas pelo Governo. Pretendeu-se novo recenseamento eleitoral fiscalizado pela oposição, bem como fiscalização do acto eleitoral, liberdade de constituição de partidos e de novos jornais, liberdade de expressão e de reunião. Reclamou-se também a amnistia para os presos políticos e a extinção do Campo do Tarrafal. O MUD transformou-se num movimento de oposição de carácter nacional.



Artigo de Raul Rego no jornal *Diário de Lisboa* cortado pela Censura



Na sede da CEUD, durante a campanha eleitoral de 1969. Da esquerda para a direita: Rui Belo, Francisco Sousa Tavares, José Magalhães Godinho, Raul Rego e Mário Soares.

Foi novamente preso quando publicou, em conjunto com outros antifascistas, o Programa para a Democratização da República, em 1961. O próprio Raul Rego conta os pormenores da sua prisão: "tinham sido presos seis ou sete subscritores e eu já contava ser preso. Até que um dia, de manhã, bateram à porta de casa. A minha mulher disse-me: "Está ali a polícia." "Pois é", respondi, "tinha de ser..." Quem me interrogou foi um sujeito que era de Bragança – esqueço-me o nome – e que me esbofetou! O meu advogado foi sempre o Costa Neves. Soube mais tarde que, no quarto ao lado do meu, no Aljube, estava o angolano Agostinho Neto.<sup>(2)</sup>

Quando foi ao enterro do General Humberto Delgado, em 1965 foi outra vez preso, na fronteira com Badajoz, quando apresentaram o passaporte. Ficou preso juntamente com Mário Soares, Abranches Ferrão e Catanho de Menezes, durante duas ou três semanas, na prisão de Caxias.

<sup>(2)</sup> Castanheira, José Pedro "Entrevista a Raul Rego" In *Expresso*, 9 de Fevereiro de 2002.



Secção de propaganda da CDE, nas eleições de 1973, no Teatro Laura Alves. Da esquerda para a direita: Francisco Salgado Zenha, Raul Rego, Alberto Arons de Carvalho, José Tengarrinha, Vasco da Gama Fernandes, Helena Neves, António Abreu, Pedro Coelho, Mário Sottomayor Cardia e Cassiano Pereira

Foi mais uma vez preso quando escreveu a obra: "Para um Diálogo com o Sr. Cardeal Patriarca", em que se revoltava contra o silêncio cúmplice do cardeal Cerejeira perante as indignidades do regime ditatorial. O livro foi apreendido e Raul Rego foi preso pela PIDE, a qual voltou a submetê-lo a interrogatórios devido à publicação, em 1971, do livro "O Processo de Damião de Góis", em que denunciava as atrocidades da Inquisição estabelecendo assim uma relação com os procedimentos inquisitoriais da polícia política.

Em 1971 entrou para a direcção do jornal "República", a convite do próprio director Carvalhão Duarte, deixando pouco depois de trabalhar no *Diário de Lisboa*, pelo facto dos dois jornais serem concorrentes. Por seu impulso o jornal disparou as suas tiragens, passando dos dois a três mil exemplares para os dez a quinze mil exemplares. Este salto deve-se, no seu entender, a "dar notícias, não fazer censura antes do censor. O "República" praticamente não dava notícias: tudo o que fosse susceptível de ser cortado não dava. Era uma teoria. Ora não se compra um jornal apenas pelas ideias que ele tem ou defende; um jornal compra-se sobretudo pelas notícias que dá."<sup>(3)</sup>



«Para um Diálogo com o Sr. Cardeal Patriarca» escrito por Raul Rego em 1968

<sup>(3)</sup> Idem



No II Congresso Republicano de Aveiro, Maio de 1969

O problema da censura era real não só pelo facto de cortar as notícias mas sobretudo pelo facto de existir e desta forma constituir pressão no redactor, que acaba por interiorizar a censura e já quando escreve está com receio de a notícia passar ou não.

Outra razão apresentada por Raul Rego para o impulso que o jornal teve foi a admissão de novos jornalistas que com ele vieram do *Diário de Lisboa*, nomeadamente Vítor Direito. Depois entraram ainda João Gomes, Afonso Praça e Assis Pacheco.

Neste jornal escrevia uma coluna que se chamava "momento", que começou por ser um comentário à hora que passa e que passou a ser o editorial. Esta coluna era uma das mais lidas e que mais influenciou os homens que depois fizeram o 25 de Abril.

No dia 19 de Abril de 1973, na cidade alemã de Bad Munstereifel, militantes da Acção Socialista Portuguesa, reunidos em Congresso, aprovam, a transformação da ASP em Partido Socialista. Raul Rego foi um dos fundadores do Partido.



No jornal *República* com um grupo de jornalistas estrangeiros

Raul Rego soube da revolução do 25 de Abril na véspera do acontecimento, por um dos militares comprometidos com a revolução, que trouxe a democracia tão desejada e sonhada por tantos homens e mulheres.

Ao alvorecer do dia 25 de Abril de 1974, cerca das 9h30, com o movimento revolucionário em marcha e ainda sem se saber o resultado das operações militares, Raul Rego enviou para a tipografia a frase que seria publicada em rodapé a toda a largura da primeira edição, que às 11h30 sairia para a rua: "Este jornal não foi visado por qualquer comissão de censura". O assumir desta responsabilidade numa fase de incerteza significou uma posição de coragem da parte de Raul Rego.

Em Maio de 1975 gerou-se um conflito no interior do Jornal "República" que provocou a saída de Raul Rego e da maioria dos jornalistas da direcção do jornal. Foi o chamado "Caso República" que teve o seu início a 2 de Maio de 1975, quando no seguimento de uma tentativa de admissão, por parte da administração do Jornal "República", de mais dois redactores conotados com o Partido Socialista, considerada "inoportuna" pelos gráficos e restantes elementos contrários à hegemonia socialista no jornal, foi convocada uma Reunião Geral de Trabalhadores que impossibilitou a saída do jornal do dia seguinte e culminou com a criação de uma Comissão Coordenadora dos Trabalhadores. A 19 de Maio de 1975 esta comissão decide "suspender do exercício das suas funções" a Administração e a chefia de Redacção acusando-as de estarem a tentar transformar o jornal num órgão afecto ao Partido Socialista: "Os trabalhadores da "República" – cada um sem dúvida, com as suas formações ideológicas – querem e assim decidiram estar acima de lutas partidárias, servindo respeitosamente a Informação. (...)

Cada parafuso da nossa rotativa é uma afirmação popular, quantas vezes anónima, de uma permanente luta

Figueira da Foz, 1977 com alguns dos fundadores do PS. Da esquerda para a direita: Costa e Melo, Teófilo Carvalho dos Santos, Raul Rego, Mário Cal Brandão, José Luís Nunes e Fernando Vale.





Raul Rego e Gustavo Soromenho num cartoon realizado por Pedro e retirado do jornal *A Luta*

antifascista. (...) Elegemos uma Comissão de Trabalhadores e essa comissão afirmou, no dia 5 de Maio, que a totalidade dos seus redactores deveria colocar acima de todos os interesses a informação, em benefício dos leitores da "República". A comissão diz hoje não à direcção literária do jornal – são ele-

mentos marcadamente antifascistas mas também marcadamente partidários. Devemos-lhes uma palavra de respeito, mas propomos que se retirem, para continuarem a merecer essa palavra. Os trabalhadores da "República", representados pela sua comissão, não desejam que a administração pare a sua actividade; não desejam a autogestão; não desejam a cogestão. Não têm sequer críticas a efectivar àquela administração. Os trabalhadores da "República", representados pela sua comissão, desejam muito mais que "sanear": desejam continuar a receber o salário que lhes é pago pelos seus leitores e anunciantes. Mas a recebê-lo com mérito, honestidade, ao serviço dos outros trabalhadores que, como eles, amam e defendem a Revolução."<sup>(4)</sup>

Como reacção, a redacção do jornal lança também um comunicado insurgindo-se contra o abuso de poder de "uma Comissão dos Trabalhadores": "Os jornalistas da "República" estão impedidos de exercerem a sua actividade. Uma comissão de trabalhadores exorbitando totalmente as funções para que foi eleita ("Dialogar com a direcção e a administração") está neste momento a pressionar a demissão da direcção e da chefia da redacção. Os jornalistas da "República" alertam a opinião pública para uma manobra que visa calar mais uma – e provavelmente a mais forte – das vozes livres deste país.



Raul Rego e Álvaro Guerra são os sempre em pé neste cartoon de Portela retirado do *Jornal Novo*.

Os jornalistas da "República", que se encontram em reunião permanente na sede do jornal, mas ameaçados de expulsão do seu local de trabalho, opõem-se terminantemente ao afastamento compulsivo dos directores e da chefia da Redacção. Os jornalistas da "República" reiteram a sua solidariedade aos camaradas em risco de serem compulsivamente afastados, nomeadamente Raul Rego, incontestável figura de resistente e lutador antifascista que acaba de ser eleito à Assembleia Constituinte e a quem o 25 de Abril tanto deve (...)."<sup>(5)</sup>

Também o PS organiza uma manifestação em frente às instalações do jornal, e acusa o PCP de conivência com a acção em curso.

O PCP nega o seu envolvimento no caso mas não condena a acção dos tipógrafos que procuravam fazer valer a tese do direito de participação dos trabalhadores na definição da orientação dos jornais.

O jornal reaparece nas bancas no dia 10 de Julho, constituído maioritariamente por elementos oriundos das forças armadas e da esquerda mais radical, apresentando como director o Coronel Jorge Pereira de Carvalho.

Na sequência deste incidente, os ministros afectos ao PS, abandonam o 4.º Governo Provisório. Os ministros do PPD, dias mais tarde, solidarizam-se e abandonam também o Governo.

No dia 25 de Agosto, foi lançado um novo jornal, "A Luta", ligado ao PS, constituído essencialmente por redactores saídos do "República" no momento da crise e dirigido por Raul Rego.

A 26 de Janeiro, o Conselho da Revolução decide entregar o "República" aos "legítimos proprietários" e decide que a direcção e redacção do jornal em exercício reintegre as forças armadas. Porém o "República" nunca mais voltou a ser publicado.

Raul Rego foi eleito deputado à Assembleia Constituinte (posteriormente à Assembleia da República) nas eleições de 25 de Abril de 1975, cargo que exerceu até 1999. Já bastante doente, ainda fez questão de ir à Assembleia da República, a 20 de Fevereiro de 1997, para votar a lei do aborto. Na bancada parlamentar socialista nunca lhe tiram o lugar.

<sup>(4)</sup> Artigo retirado do Jornal "República" no dia 19 de Março de 1975.

<sup>(5)</sup> Comunicado da redacção do jornal "República" 20 de Maio de 1975.



Na Assembleia da República

Desempenhou, também, logo após o 25 de Abril, funções governativas no I Governo Constitucional, como secretário de Estado para a Comunicação Social, cargo onde se observou uma das suas actuações mais polémicas, ao mandar suspender um directo televisivo, a fim de atenuar os efeitos de uma representação teatral que considerou provocatória para a Igreja.

Foi ainda Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, entre 1977 e 1979, na altura em que Aquilino Ribeiro Machado era Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.



Quando Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa (1977 –1979) com Aquilino Ribeiro Machado (Presidente da CML) e o Cardeal Patriarca de Lisboa D. António Ribeiro.

O jornal *A Luta* acaba por chegar ao fim devido, principalmente, ao facto de, na opinião de Raul Rego: "O público não quer um jornal que não dá notícias de tudo, quer noticiário. Um jornal partidário, que não dá notícias de tudo, não tem público suficiente (...) o jornal fracassou ao fim de uns tempos, tornou-se dispensável, passou a ser um órgão do PS". Dirigiu igualmente o "Portugal Hoje", também fortemente conotado com o Partido Socialista.

Além do jornalismo Raul Rego teve outras actividades paralelas como escritor e historiador sendo muito extensa a sua obra publicada onde se contam, no campo da política os seguintes livros: *Para um diálogo com o Sr. Cardeal Patriarca*. Lisboa: 1968; *Diário político*. Lisboa: 1969; *Horizontes fechados: páginas de política*. Lisboa: 1969; *Os políticos e o poder económico*. Lisboa: 1969; *Continuidade*. Lisboa: República, 1973; *Violência inútil*. Lisboa: *Dom Quixote*, 1975; *Depoimento ou libelo*. Lisboa: República, 1975; *Militares, clérigos e paisanos ou o militarismo e outras forças de violência na sociedade portuguesa*. Lisboa: *Perspectivas & Realidades*. No campo da História e cultura: *História da República*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1986–1987, 5 vol; *Duas cartas inéditas de Alexandre Herculano* / ed. lit. Raul Rêgo. Lisboa: 1955; *Anotações de Camilo à História de Portugal nos séculos XVII e XVIII de Rebelo da Silva: inéditos de Camilo* / recolha e publicação de Raul Rêgo. Lisboa: 1959; *O processo de Damião de Goes na Inquisição* / [leitura e] pref. de Raul Rego – Lisboa: Excelsior, [1971]; *O último regimento da Inquisição portuguesa* / [leitura e] pref. de Raul Rego. Lisboa: Excelsior, 1971; *Christãos novos e christãos velhos em Portugal* / A. N. Ribeiro Sanches; pref. Raul Rego. Porto: Paisagem, 1973; *Os índices expurgatórios e a cultura portuguesa*. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1982; *O último regimento e o Regimento da Economia da Inquisição de Goa* / leitura e pref. Raul Rego. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983; *A emigração como*



*força civilizadora* / Eça de Queiroz; pref. de Raul Rego. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1979; *Os burros* / José Agostinho de Macedo; introd. Raul Rego. Lisboa: Círculo de Leitores, imp. 1993; *Tácito português: vida, morte, ditos e feitos de El Rey Dom João IV de Portugal* / Francisco Manuel de Melo; pref. e leitura do manuscrito por Raul Rego, 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Sá da Costa, 1995.



Raul Rego entrou para a Maçonaria, em 1971, numa fase em que ela era uma *Ordem* perseguida e forçada a ser secreta havia quatro décadas. Dentro do Grande Oriente Lusitano, o organismo que administra a chamada Maçonaria simbólica, o *irmão* Erasmo, nome simbólico que adoptou aquando da sua iniciação, foi seu Grão-Mestre entre os anos de 1988 a 1990. No período de 1984 a 1988 tinha sido Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do 33.º grau para Portugal, isto é o correspondente a Grão-Mestre para a chamada Maçonaria filosófica.

Assumi ao longo da sua vida um papel preponderante na defesa das liberdades democráticas. Este facto valeu-lhe o reconhecimento internacional, ao ser distinguido, em 1976, com a "Pena de Ouro da Liberdade", atribuída em Bolonha no decorrer do 29.º Congresso da FIEJ—Federação Internacional dos Editores de Jornais e Publicações.

Vítima de uma rara doença da espinal-medula, que o tornara paraplégico, abandonou a vida política activa. No entanto, mesmo de cadeira de rodas foi à Assembleia da República para exercer o direito de voto no debate sobre a despenalização do aborto.

Faleceu aos 88 anos no dia 1 de Fevereiro de 2002, deixando o seu exemplo de vida em defesa dos grandes princípios e dos grandes ideais.

Foi um jornalista e indiscutivelmente um dos símbolos da liberdade de imprensa, um republicano, um combatente antifascista e um dos rostos da Democracia e por isso a Câmara Municipal de Lisboa presta-lhe a sua homenagem ao atribuir o seu nome a uma rua na freguesia da Charneca, no Alto do Lumiar, cuja inauguração se faz no dia 3 de Maio, Dia Mundial da Liberdade de Imprensa.



## Bibliografia

Fotos cedidas por Dr.<sup>a</sup> Manuela Rego

[http://www.aind.pt/meios2002/rev\\_fevereiro/raul\\_rego.html](http://www.aind.pt/meios2002/rev_fevereiro/raul_rego.html)

[http://members.tripod.com/~gremio\\_fenix/trabalhos/raulrego.htm](http://members.tripod.com/~gremio_fenix/trabalhos/raulrego.htm)

<http://www.eusou.com/republica/default.htm>

<http://www.pcp.pt/partido/anos/testemu/octpato.html>

Castanheira, José Pedro “Entrevista a Raul Rego”  
In *Expresso*, 9 de Fevereiro de 2002;

*Raul Rego – O Combatente da Liberdade*, dir. João Mário Mascarenhas,  
CML | Biblioteca Museu República e Resistência, 2002

## FICHA TÉCNICA

### EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa  
Comissão Municipal de Toponímia

### TÍTULO

Raul Rego

### TEXTOS

Teresa Sancha Pereira

### COORDENAÇÃO

António Trindade

### DESIGN GRÁFICO

Paula Albuquerque

### COLABORAÇÃO GRÁFICA

Albino Teresa

### PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

Isilda Marcelino

### TIRAGEM

2000 ex.

### ANO

2005

### DEPÓSITO LEGAL

N.º 221745/05

### EXECUÇÃO GRÁFICA

